

## Avaliação cognitiva e Rorschach

Latife Yazıcı  
Patricia Gazire

Hermann Rorschach (1963) em sua obra *Psicodiagnóstico: métodos e resultados de uma experiência diagnóstica de percepção* (Interpretação de formas fortuitas), mais precisamente no capítulo V, sobre “Aplicações prático-diagnósticas da prova de interpretação de formas”, inicia esclarecendo que:

*O método de estudo visava, inicialmente, problemas teóricos. Verificou-se porém de maneira puramente empírica e ao acaso que os resultados da prova poderiam ser utilizados para fins diagnósticos. Foi assim que o “teste de pesquisa” transformou-se em um “teste de exame”. Seu emprego para fins de diagnóstico ligava-se principalmente ao controle dos resultados obtidos [...] O teste é, em primeiro lugar, um reagente qualitativo. Ele indica sobretudo a qualidade do sintoma, enquanto que os aspectos quantitativos podem ser determinados somente de maneira imprecisa.* (p. 127)

Na “Introdução”, Rorschach esclarece que:

*O método e os resultados provisórios de uma experiência psicológica [...] se mostrou valiosa tanto como teste de pesquisa quanto como teste de exame [...] com um caráter eminentemente empírico [...] as conclusões às quais a prova nos conduziu devem ser consideradas, antes como dados do que como deduções teóricas. As bases teóricas da experiência encontram-se ainda parcialmente em seus primórdios.* (p. 11)

Quando discorre sobre “O método”, no primeiro capítulo, Rorschach desenvolve os seguintes tópicos: (a) o material (pranchas), (b) a técnica (aplicação) e (c) a interpretação das figuras do ponto de vista da percepção. Neste último tópico esclarece sobre os conceitos que orientam sua proposta: percepção com suas subcategorias de sensação, evocação e associação.

Rorschach adota os conceitos de percepção e interpretação propostos por Bleuler, para quem no processo perceptivo a sensação atual é associada a sensações ligadas a experiências anteriores que estão armazenadas na memória. Por isso, percepção ocorre à evocação de engramas existentes relacionados à sensação atual. Na percepção encontramos, portanto, três processos: sensação, evocação e associação. A identificação de um conjunto de sensações juntamente com suas conexões é o que Bleuler chama de idéia.

Para Rorschach, no trabalho de olhar formas

fortuitas e dizer o que podem ser envolve: (a) ou um processo de mera percepção, de simples reconhecimento – é quando o indivíduo reage dizendo que são manchas ou que é um morcego porque é realmente um morcego, considerando o estímulo como uma reprodução concreta da imagem vista; (b) ou um processo de interpretação em que o indivíduo reconhece conscientemente que está articulando a imagem vista com sensações e imagens armazenadas disponíveis (imagens-recordação) – é quando a pessoa responde que a figura se parece com dois homens sustentando uma mulher em uma cena de dança, por exemplo.

Rorschach concluiu:

*Resumindo, teremos que: as diferenças entre a percepção e a interpretação só podem ser de natureza individual e gradual e não de natureza geral e essencial; e com isto, a interpretação só pode ser um caso especial de percepção. Por conseguinte, não podemos duvidar do direito de chamar a prova de interpretação de forma de uma prova da percepção.* (p.18)

Quando discorre sobre os ‘Resultados’, Rorschach inicia com o tópico ‘A inteligência’. Nele fornece os elementos da prova que evidenciam os recursos intelectuais do indivíduo: elevada porcentagem de imagens bem percebidas, número maior de aflusos sinestésicos ao processo de percepção, maior número de respostas globais, tipo de apreensão rico, uma sucessão dos modos de apreensão de rigidez ótima, pequena porcentagem animal, maior variabilidade nas interpretações e uma porcentagem nem muito grande nem muito pequena de respostas originais (p. 57).

O psicodiagnóstico de Rorschach foi sempre considerado como um método de exame da personalidade em seus diferentes aspectos. As respostas aos dez estímulos, manchas de tinta, fornecem informação sobre o indivíduo, que durante a tarefa vai se expressando e se revelando. Por isso é considerado como uma prova projetiva da personalidade, em contraposição às provas objetivas.

Entretanto, quando tomamos as publicações dos autores renomados como Bohn, Hertz, Klopfer, Beck, Piotrowski, Schachtel, Shaffer e Rappaport vemos que eles adotam como procedimento de exposição à seqüência baseada nos elementos da prova: localização, determinantes e conteúdos. Dentre eles, somente Beck

retoma o tópicos de inteligência dentro da formulação da noção de personalidade, tendo sido ele o criador do índice de atividade organizativa ou Z – índice que informa sobre a capacidade de raciocínio e de reflexão.

Após uma exposição dos cinco sistemas norte-americanos do Rorschach: Klopfer, Beck, Piotrowski, Hertz, Rappaport e Shafer, Exner em *The Rorschach Systems* (1969) conclui o quanto é difícil e mesmo impossível às vezes uma comparação realista das abordagens e das hipóteses interpretativas oferecidas por estes cinco sistemas. São muitos os fatores que ocasionam essa dificuldade: (a) diferenças na orientação teórica geral, (b) diferenças com relação ao conceito de personalidade, sua organização e sua descrição, (c) diferenças nas linguagens adotadas que ficam comprometidas por falta de conceitos equivalentes, (d) diferenças no modo de classificar as respostas, (e) diferenças nas abordagens interpretativas.

Um exemplo – o conceito de introversão – que existe em todos os sistemas, sendo que todos usam as respostas de movimento como base para sua interpretação. Entretanto, existe uma falta de consenso entre os sistemas quanto à definição de introversão. Beck, concordando com Rorschach, considera a introversão como um processo de internalização. Lembramos que Rorschach enfatizara sua divergência em relação a Jung quanto à noção de introversão. Já Klopfer e Hertz usam introversão de modo semelhante a Jung. Para Piotrowski, introversão está correlacionada positivamente com o comportamento manifesto, em contraposição a Rorschach, para quem as respostas de movimento se assemelham ao processo do sonhar. Rappaport e Schafer consideram introversão como modo de resistência à espontaneidade onde a internalização pode ou não ocorrer. A palavra ‘introversão’ é a mesma nos cinco sistemas mas suas definições, embora não completamente exclusivas, são nitidamente diferentes.

Em um artigo anterior (Yazigi, 1993), comparamos a prova de Rorschach com a *Obra Aberta* de Umberto Eco – o método permite várias leituras, várias abordagens e várias interpretações. Esta é uma premissa importante, pois aponta para a plasticidade do material – estímulos – e criatividade de seu inventor. Porém, como bem assinala Exner (1969), esse ‘estado da arte’ gerou e ainda gera confusões e mal-entendidos. Disto decorre a necessidade de, por um lado, tornar as classificações as mais objetivas possíveis evitando-se interferência de suposições subjetivas e, por outro, a necessidade de integrar os dados de acordo com um paradigma formal que reproduziria uma concepção dos aspectos da personalidade. Foi assim que surgiu o

Sistema Compreensivo.

Exner (1986) enfatiza a importância de se identificar os processos envolvidos na tarefa do exame de Rorschach. Para ele, a natureza da situação da prova leva o indivíduo a converter a mancha em algo que ela não é. Assim, é criada uma situação de resolução de problema que requer uma certa transgressão em relação à realidade, ao mesmo tempo em que o indivíduo permanece ligado a sua própria integridade pessoal. Vista dessa forma, a tarefa do Rorschach assemelha-se a uma tarefa cognitiva, em que vários processos estão envolvidos até que o indivíduo tome uma decisão a respeito daquilo que está vendo.

Esta descrição da tarefa não difere tanto daquela do próprio Rorschach com seus conceitos de percepção e apercepção, associação e assimilação, e também de outros autores. Entretanto, a diferença está na fundamentação lógica. Rorschach pautou-se na comprovação empírica, atitude que Exner também adotará. Mas Exner propõe uma orientação seqüencial lógico-racional na qual agrupa aspectos formais do teste que se interligam para reproduzir os aspectos respectivos da personalidade. Disto resultaram as Sessões: Tipo Vivencial, Estilo Pessoal e Controles; Afeto, Relações Interpessoais e Auto-Percepção; Triade Cognitiva: Processamento, Mediação e Ideação.

Diz o autor:

*Após a formulação das hipóteses que surgem da análise dos agrupamentos dos dados, chega-se no momento de elaborar uma descrição significativa do indivíduo. Essa descrição é produto da integração lógica e dos diversos postulados e propostas provisórias que se formularam ao longo do exame e dos diversos agrupamentos.*

E mais adiante:

*A interpretação vai se desenrolar segundo uma progressão conceitual lógica, ou seja, reunindo os achados uns com os outros de modo que os postulados ou propostas que foram geradas na fase de hipótese se fundamentem em toda informação disponível até o momento. Por sua vez, as hipóteses e conclusões que aparecem na fase de integração dos dados devem se articular logicamente, ponderando cuidadosamente as relações que estabelecem entre si os inúmeros traços psicológicos do sujeito [...] Face a isso, o interpretador enfrenta um duplo desafio. Por um lado, unir sistematicamente todos os dados que intervêm em cada componente e, por outro, tecer os fios resultantes em uma trama que reflete a pessoa em sua totalidade.* (Exner, 1986, p. 300-307)

Portanto, as estratégias de abordagem dos

achados variam de acordo com o tipo de produção do indivíduo. A ordenação dos agrupamentos ou constelações está relacionada com a estrutura da personalidade e vai indicar a presença ou não de patologia. Assim, por exemplo, os índices de Depressão, Déficit Relacional, Hipervigilância, Estilo Obsessivo, Percepção e Pensamento. Outros índices, como Lambda, Tipo Vivencial Introversivo, Egocentrismos referem-se a estilos de personalidade, podendo qualquer um deles ser o traço principal da organização e do funcionamento psicológicos.

As variáveis-chave se apresentam por ordem de prioridade. Assim, a primeira que resultar positiva definirá o plano de interpretação a ser seguido no protocolo. As estratégias ou planos possuem um fundamento tanto empírico quanto lógico. Empírico no sentido de que os dois ou três primeiros agrupamentos que se estudam vão proporcionar a maior quantidade de informação relativa a traços-chave do indivíduo. Lógico porque a seqüência está delineada de maneira que cada novo resultado ou achado se integre facilmente com os anteriores. É importante assinalar que as onze estratégias de interpretação não são completamente diferentes entre si. Os três agrupamentos ligados à cognição: ideação, mediação e processamento, sempre aparecem consecutivos porque estão inter-relacionados. Igualmente relacionados, e por isso aparecem seguidos, os agrupamentos relativos a autopercepção e à percepção interpessoal.

Assim, se o indivíduo apresenta nota D menor do que nota DAdj segue-se a seguinte estratégia de interpretação: Controles → Estresse Situacional. Se o Índice de Déficit Relacional (CDI) for maior do que três 3, a seqüência será: Controles → Afeto → Autopercepção → Percepção interpessoal → Processamento → Mediação → Ideação.

Para o autor, o estudo dos diferentes componentes desses agrupamentos gera hipóteses ou propostas interpretativas. Como assinalado, o princípio da interdependência das variáveis está sempre implícito. Por exemplo, o indivíduo apresenta um Índice de Déficit Relacional (CDI) maior do que 3, portanto aumentado, revela que a pessoa geralmente lida com as experiências comuns da vida diária de modo não adequado. Porém, se este índice for menor do que 4 isso não significa necessariamente que o indivíduo esteja manejando bem as demandas externas e nem tampouco descarta a possibilidade de outras dificuldades, tais como problemas no ajustamento ou no uso dos recursos intelectuais.

Este ponto de vista é importante quando estamos diante de achados, como em nossa pesquisa

com o Rorschach Bissimétrico<sup>1</sup>. Nela, tomamos a metade esquerda das pranchas II, III, VIII, IX, X e a reproduzimos no lado direito, em espelho; compusemos duas séries destas cinco pranchas bissimétricas: com e sem cor. Obtivemos dados interessantes. Assim:

1. *W* mais baixo nas pranchas III e X com e sem cor – a *Gestalt* dessas pranchas levam à menor integração global. Já *D* é maior na prancha X com e sem cor, mostrando que nela a dispersão de estímulos leva à percepção de detalhes isolados.
2. *M* é maior nas pranchas II e III com e sem cor – a cor vermelha dos detalhes D2 e D3 não interfere na composição formal, donde a pregnância de imagens humanas e em movimento. Já *FM* é maior nas pranchas VIII e X com e sem cor – a distribuição espacial e a forma dos estímulos induzem à percepção de figuras animais em movimento.
3. *FT* está quase ausente – o que confirma que as texturas são estimuladas basicamente pelas pranchas IV e VI.
4. *P* está mais elevado na prancha VIII com e sem cor – D1 tem a forma pregnant de um animal e sua qualidade cromática, rosa ou cinza, não entra em jogo, mesmo não existindo um ‘roedor’ cor de rosa.

Esses dados reforçam a noção de que a tarefa, face a estímulos fortuitos, é uma atividade relacionada ao trabalho perceptivo, como assinala Rorschach. Nesse processo perceptivo a forma do estímulo, seu contorno, sua distribuição no espaço, que lhe atribui um ritmo, sua constituição em volume, suas nuances, suas cores, suas tonalidades têm uma grande participação no trabalho de apreensão. Por esse motivo é que as respostas de morcego nas pranchas I e V são consideradas como Populares Universais, já que encontradas nas mais distintas culturas. Não é por casualidade que Rossel e Merceron (comunicação pessoal) consideram como sinal patognômico de esquizofrenia resposta de figura humana no detalhe D1 da prancha VIII – popular como figura animal.

Portanto, na proposta pelo Rorschach entram em jogo as atividades de: delinear um contorno, realizar um recorte, evocar imagens armazenadas, comprar o evocado com o estímulo, reconhecer e selecionar a partir das possibilidades – atividades motoras que se realizam por meio da manutenção e estabilidade desses processos envolvidos. A partir da seleção chega-se à decisão sobre a escolha final, produto de um julgamento crítico, e dela a formulação da resposta. Esse processo é um trabalho cognitivo.

<sup>1</sup> Pesquisa em andamento e referente à correlação entre lateralidade das funções psicológicas e as variáveis do Rorschach.

O afeto vitaliza, a emoção modula, a criatividade transforma.

### Referências Bibliográficas

Exner, J. E. Jr. (1969). *The Rorschach Systems*. New York: Grune & Stratton.

Exner, J. E. Jr. (1986). *The Rorschach: A Comprehensive System – Vol.1: Basic Foundations*. New York: Wiley & Sons.

Rorschach, H. (1963). *Psicodiagnóstico*. Tradução de Marie Sophie de Villemor Amaral. São Paulo: Mestre Jou.

Yazigi, L. (1993) “Exames subsidiários em Psiquiatria”. *Boletim de Psiquiatria*, São Paulo, 26(1/2):3-5.

*Recebido em 14/03/2002*

*Revisado em 05/05/2002*

*Aceito em 24/05/2002*

#### *Sobre as autoras:*

**Latife Yazigi** é psicóloga, mestre e doutora em Psicologia Clínica pela USP, Livre-Docente pela Escola Paulista de Medicina e Professora Titular do Departamento de Psiquiatria da Escola Paulista de Medicina, Universidade Federal de São Paulo; Vice-presidente da Sociedade Brasileira de Rorschach e da Société Internationale de Psychopathologie Phénoméno-Structurale.

**Patricia Gazire** é psicóloga, mestre em Saúde Mental pela Escola Paulista de Medicina, Universidade Federal de São Paulo, membro do Setor de Psicodiagnóstico do Departamento de Psiquiatria da mesma instituição e da equipe de Unidade de Internação Psiquiátrica do Hospital São Paulo.